

Transmanifiesto Red Internacional Polilógica y Poliética

Los desafíos presentes y futuros que enfrenta el ser humano en la actualidad son consecuencia de nosotros mismos, de acciones que buscaban el desarrollo de las sociedades bajo un paradigma de visión disciplinaria que solo atendía las necesidades humanas de forma aislada. Esta visión colocó a la economía como eje central del desarrollo, potenciada por los avances tecnológicos de las revoluciones industriales y favoreció a las sociedades que lo fundaron, adquiriendo un estatus hegemónico y de dominación en comparación con quienes no aceleraban al mismo ritmo.

En la actualidad, existe evidencia científica que demarca que no podemos continuar por ese rumbo disciplinar y aislador. La teoría de la complejidad señala que los diversos elementos que conforman el universo, como un sistema en general, son interdependientes, interactúan entre sí y en su contexto, y, además, pueden interactuar con otros elementos de otros sistemas, generando nueva información y hasta nuevos y complejos sistemas de sistemas, por ello, no es posible su estudio individualizado o su predicción exacta proveniente de ese mismo estudio.

Es ahí, en las diferentes interacciones dinámicas sistema(s)-entorno(s), las nuevas informaciones que generan estos sistemas complejos y su no predicción por estudios segmentados de sus partes, que se presenta la emergencia. De esta forma, la emergencia es parte del universo, por lo tanto, es parte de la vida y de los seres vivos. Para abordarla e investigarla, Galeffi (2014, 2021) propone la teoría Polilógica, que se comprende como una pluralidad, diversidad, variedad de horizontes, que contemplan todas las posibilidades lógicas (metodológica, epistemológica, ética, estética, ecológica y ontológica), que no necesariamente dependen de una legitimidad científica, al igual que no se conciben jerárquica y/o hegemónicamente (GALEFFI, 2017a, 2017b, 2018, 2019a, 2019b); y la teoriación Poliética, que enmarca cuatro grandes dimensiones: social, mental-corporal, ambiental y cibernética, que traspasan los elementos individuales y transversalizan el plano de existencia común, por lo cual, busca la armonía de todo el sistema mediante sus interrelaciones, como un todo vivo y viviente, cuyos elementos se influyen entre sí y se necesitan para subsistir en el presente y el futuro.

Por isso, esse manifesto apresenta nossa 'utopia transigente', baseada nas teorias Polilógica e Poliética, buscando estar em lugar algum, e em todos os lugares como transatores, meios, pontes, passagens, e transagir, agindo conjuntamente, colaborativamente, como um todo que é mais do que a soma de partes, o todo da vida comum, na casa comum, sabendo acolher o lugar imaginário do outro, incluindo a empatia e a alteridade. O cuidado com os recursos naturais, com a economia ecológica à procura de caminhos éticos para a Mãe Terra. Desde nossa compreensão, a 'utopia transigente' é uma questão metodológica, uma forma de agir, uma eleição, para uma postura de vida, pois não tem como se desassociar a necessidade de nos comprometermos uns com outros, porque o que propõe a Polilógica e a Poliética é um comprometimento de ação, ética, filosófica.

Assim, esse comprometimento dirige também ao respeito, que considera todas as partes e não só a própria, mergulhando entre diferentes formas de pensamento, de perceber o mundo, que também inclui e reconhece a violência, o machismo, o racismo, e todas as formas de preconceito, discriminação e subalternidades sociais, tendo que dialogar com isso, para desconstruir construindo, dando reconhecimento às pessoas, à comunidade estendida além da acadêmica, e ao que é nosso original, ontológica, epistemológica, metodológica e culturalmente. Mas, esses vínculos para poder dialogar a partir do respeito tem que ser criados, a partir da observação das diferenças, das singularidades, abrangendo os espaços que historicamente foram deixados fora.

Aqui entra outro fator importante para a visibilização ontológica, epistemológica, metodológica e cultural próprias, a decolonialidade, entendida como um processo social de necessidade imediata de mudança, não só das relações, senão também das estruturas, das condições e dispositivos de poder que mantém a desigualdade, a inferiorização, a discriminação e a racialização. Esse horizonte de decolonialidade do poder, do ser, e do saber, até certo ponto é utópico, mas está lá, e começa pela nossa própria conscientização, e vai até a transformação estrutural do sistema econômico capitalista dominante global e de toda a estrutura política, social e cultural que o sustenta. Para isso, se chama a refletir sobre o sistema de pensamento único que envolve nosso cotidiano, sobre a produção de conhecimento e divulgação dos saberes, sobre a ciência hegemônica e de segregação que procura nos empurrar asfixiantemente nessa única direção, e atuar para desconstruir em direção a ciências e conhecimentos outros, pensamentos e práticas outras, desde paradigmas visibilizadores outros, para diminuir a grande brecha científica e tecnológica de nossos países do sul global versus do norte global.

Essa mudança do sistema precisa alterar também os estilos de vida, de produção e de consumo atuais, pois estão sendo o colapso do sistema vivente. O sistema capitalista é insustentável, a prova está em que só 1% das pessoas mais ricas possuem riqueza ainda maior do que o outro 99%, os oito homens mais ricos concentram a mesma riqueza que o 50% mais pobre da população, e os 10 homens mais ricos duplicaram suas fortunas durante a pandemia, enquanto os ingressos econômicos do 99% da população piorou. Por isso, também precisamos de mudanças pessoais, decisões não sustentáveis parecem não ter custo, porque não refletem os danos ambientais que causam, mas os Estados pagam de seus Produtos Internos Brutos para mitigar consequências. Nesse sentido, precisamos aproveitar as tecnologias para voltar aos nossos primórdios e viver sustentavelmente, lembrando que na atualidade o estilo de vida massivamente seguido, significa o consumo de recursos renováveis num ritmo nocivo que implica o equivalente a precisar 1,7 Planeta Terra para sobreviver.

Mas as tecnologias são outro ponto da emergência, especificamente as tecnologias digitais das Redes Sociais e o *Big Data*, como ambientes que constroem 'realidades' que se alimentam de emoções e desinformação, mas principalmente da falta de formação da maioria dos usuários para o uso desses ambientes. O aumento no volume de informações, que começou sendo positivo com o aparecimento das Tecnologias da Informação e a Comunicação, assim como a mobilidade instantânea e o

acesso de longo alcance para pessoas e conteúdo, tornou-se negativo com o surgimento das notícias falsas e a pós-verdade, que se aproveitam dos medos, desejos e crenças para construir narrativas inexistentes. O que encontramos é muito mais informação do que conhecimento. Os dados mostram que notícias verdadeiras demoram seis vezes mais do que as falsas em chegar a 1500 pessoas, e as falsas se difundem significativamente mais (entre 1000 e 100,000 pessoas) do que as verdadeiras, que rara vez alcançam mais de 1000 pessoas. Além disso, começa-se a documentar o efeito negativo no desenvolvimento intelectual pela superexposição excessiva de crianças e adolescentes às tecnologias digitais, como *smartphones*, *tablets* e/ou computadores, um novo fator que se soma aos que já compõem a lacuna digital.

Por isso, precisamos de tecnologias comuns e colaborativas em todos os setores da sociedade, além de formar cidadanias críticas, capazes de analisar e discernir ou prescindir do conteúdo dos meios de informação e comunicação, do uso excessivo dos dispositivos, e se tornar seres próprios e apropriados em ditos ambientes, cuidando de sua integridade física (corporal-mental) e cibernética (dataista-mental).

Parte da mudança também inclui trocas dos padrões de vida contemporâneos, com seus estilos de vida apressados e superficiais, que deixam pouco tempo e espaço para o cuidado lúdico e estético da mente e do corpo, mas não para consagrar-se a ambos como um todo, com autocuidado e autoconhecimento, profundo e interno, necessários para um todo que nos permite ser o que somos e que é capaz de proporcionar bem-estar e harmonia (nosso corpo-mente). Precisamos parar a rotina acelerada da sociedade capitalista, para compreender a importância da mente-corpo saudável como um todo, e assim (de)formar hábitos em gerações anteriores e novas para se apropriar do cuidado e do conhecimento do próprio todo (corpo-mente), para desconstruir valores e reorientar as prioridades que equilibram estilos de vida sem comprometer nosso todo, e ao contrário, valorizá-lo como o elemento essencial para a vida, do qual o grau de bem-estar e harmonia vai depender além do imediato, na busca do equilíbrio para a vida toda.

Nesse sentido, a educação, procura-se ver as formas para que o conhecimento seja construído no/para o sujeito, própria e apropriadamente, que enfrente a prática profissional desde uma só perspectiva poliética, e não formar mais profissionais como objetos, de forma disciplinar e conteudista. A ciência disciplinar converteu a sala de aula em um laboratório, com tudo controlado, que está muito longe da realidade. Procura-se uma transversalidade da ciência. Assim, a **utopia transigente**, com seu sentido de um passo adiante, mas combinado com o sujeito, a quem é levado a esse horizonte utópico, é **uma forma de novamente conectar o sujeito ao objeto**, ao mundo da vida, que tem que ser considerado nas aulas. Porque essa forma separada da ciência racional não dá conta da complexidade, nem é polilógica, porque é intervencionista, nas realidades que não lhe são próprias.

A natureza está clamando por essa direção de que nós tomemos uma posição com vidas criativas Poliéticas para o planeta, uma consciência crítica do que está em risco. Estamos neste manifesto construindo ações possíveis em rede Latino América, arquitetando movimentos de transgressão de um outro futuro possível para a América

Latina. Desta forma, é essencial a apropriação e coragem para se colocar ante aqueles que estão querendo nos escravizar, dominar, quem nos vigia.

Nossa responsabilidade é maior com o mundo da vida, como curadores e cuidadores da Vida.

Referências

GALEFFI, Dante Augusto. A emergência triética planetária. Global Education Magazine, Almansa: ONGD Educar para viver. n. 8, jun./ago. p. 06-13. 2014. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4750413.pdf> Acceso en: 19 oct. 2018.

GALEFFI, Dante Augusto. Didática filosófica Mínima: ética do fazer-aprender a pensar de modo próprio e apropriado como educar transdisciplinar. 1 ed. Salvador: Quarteto Editora, 2017a.

GALEFFI, Dante Augusto. Recriação do Educar: epistemologia do Educar Transdisciplinar. 1 ed. Berlin: Novas Edições Acadêmicas, 2017b.

GALEFFI, Dante Augusto. Transdisciplinaridade e co-produção de conhecimento: uma proposição polilógica. Ponencia presentada en el II Congreso latinoamericano de Investigación y Educación Superior Interdisciplinaria. Lima, Perú: Campus Pontificia Universidad Católica de Perú. 18-21 sep. 2018. Libro de resúmenes disponible en: <http://repositorio.pucp.edu.pe/index/handle/123456789/133823> Acceso en: 05 oct. 2018.

GALEFFI, Dante Augusto. Filosofar & educar: quando filosofar é educar. 1. ed. Curitiba, Brasil: Editora CRV. 2019a.

GALEFFI, Dante Augusto. Ética, privacidade e confidencialidade no âmbito digital da saúde: qual é a ética cibernética emergente? Ponencia presentada en el II Seminário Conhecimento, Inovação e Comunicação em Serviços de Saúde - II CIC-SAÚDE. Salvador, Brasil: SENAI/CIMATEC. 22 nov. 2019b.

GALEFFI, Dante Augusto. A criação do educar transdisciplinar: utopias transigentes. Em DOMINGUES-ALMEIDA, Verônica; GOMES-BRITO DE SÁ, Maria Roseli; ZORDAN, Paola (Org). **Criações e métodos na pesquisa em educação**. 1 Ed. Porto Alegre: UFRGS / Nota Azul. 2020. p. 160-188.

GALEFFI, Dante Augusto. A emergência poliética (ambiental, social, mental e cibernética) na atual sociedade do big data e do psicopoder / psicopolítica – qual é a ética do sapiens digital, sapiens. Em NOU-SCHNEIDER, Henrique; NUNES DE CARVALHO, Geovânia; DO NASCIMENTO-DIAS, Maria Aparecida; DIAS-FILHO, Paulo (Org). **Sapiens Digital**. 1 Ed. Aracaju: Edições Micael. 2021. p. 30-51.

GALEFFI, Dante Augusto. A transversalidade da ciência nas suas relações com a vida: questões polilógicas emergentes no campo ético. Em OLIVEIRA-JÚNIOR, Osvaldo Barreto (Org). **A transdisciplinaridade da ciencia nas suas relacoes com a vida**. 1 Ed. Atena Editora. 2022. p. 9-18.